

Metaphor: o jogo do trânsito¹

Iara Picchioni Thielen – Universidade Federal do Paraná
 Manoel Ricardi Neto – Universidade Federal do Paraná
 Diogo Picchioni Soares – Universidade Federal do Paraná
 Ricardo Carlos Hartmann – Universidade Federal do Paraná

Resumo

Este artigo discute uma nova concepção sobre trânsito, necessária para uma transformação do atual quadro de mutilação e morte de jovens. O Núcleo de Psicologia do Trânsito da Universidade Federal do Paraná implantou o Projeto Transformando o Trânsito cuja proposta inclui o jogo Metaphor. Este trabalho discute diversos aspectos importantes que demonstram a articulação entre espaço público e espaço privado no trânsito, bem como detalha a metáfora do jogo como instrumento de transformação, representada no trabalho “Metaphor: no palco e na platéia” e nas discussões que se seguem.

Palavras-chave: Trânsito, Subjetividade e Sociedade, Psicologia do Trânsito, Educação de Trânsito.

Metaphor: the traffic play

Abstract

This paper shows a new conception of traffic which is necessary to promote changes in this critical situation of mutilation and death of youngsters. The Traffic Psychology Laboratory created the Transforming the Traffic Project at the Federal University of Parana using the game named Metaphor. The use of metaphors is discussed as a means to bring about consideration to the individual behavior in traffic under a collective perspective. “Metaphor: On the Stage and in the Audience” shows this metaphor.

Keywords: Traffic, Subjectivity and Society, Traffic Psychology, Traffic Education.

Introdução

“Metaphor: no palco e na platéia”

Este artigo apresenta o relato de um aluno (Manoel Ricardi Neto) que vivenciou as atividades do Núcleo de Psicologia do Trânsito (NPT), sob duas perspectivas: como participante de um dos grupos do Projeto Transformando o Trânsito (PTT) e depois, como integrante do NPT, ajudando a aplicar o jogo Metaphor e conduzir os debates. “Metaphor: no palco e na platéia” é o título original do trabalho final apresentado por Manoel ao NPT.

Após a apresentação do trabalho do aluno é delineado um resumo do Projeto, destacando o jogo, com o objetivo de elucidar o relato. Em seguida se discute o uso dessa metáfora para instigar a reflexão sobre o comportamento individual no trânsito a partir de uma perspectiva coletiva. E, finalmente, se retoma o depoimento do aluno para analisar a metáfora na articulação entre subjetividade e sociedade.

O jogo Metaphor não foi proposto para discutir “trânsito”, mas seu uso tem demonstrado as inúmeras potencialidades para fomentar uma discussão importante entre os jovens, além de ser envolvente. Antecipando as explicações que se seguirão, o jogo utiliza fichas coloridas e tem como objetivo “a sobrevivência de todos” os participantes (representada por uma ficha branca para cada um). O jogo acontece por rodadas, durante as quais acontecem as trocas das fichas: cada um recebe duas e precisa de três para efetuar a troca a fim de obter a ficha sobrevivência. Essa regra impõe a interação dos participantes e a articulação individual para o alcance do objetivo coletivo. Todas as verbalizações durante o jogo são anotadas e a partir delas é que se instiga a discussão sobre o trânsito, utilizando a vivência no jogo para promover a reflexão sobre o trânsito.

No palco: relato como participante

Em princípio, quando me foi oferecida a oportunidade de conhecer a realização da dinâmica do Metaphor,

¹ Endereço para correspondência
 thielen@terra.com.br

fui, até certo ponto, indiferente. No entanto, na medida em que os “instrutores” foram explicando a forma de como a dinâmica se desenvolveria, o meu interesse foi sendo cativado. Em uma primeira “fotografia”, vi a dinâmica como um jogo que continha como pano de fundo uma moral – esta ligada, obviamente, ao trânsito.

Questionei as regras do jogo: no meu ingênuo entender, acreditava ser inviável trocar três vidas por sete fichas, uma vez que, segundo o que eu pensava, era preciso nove fichas; mas, antes mesmo da dinâmica terminar, eu me havia dado conta de que, na verdade, eram dadas apenas seis fichas, uma vez que uma era devolvida no momento da troca.

Percebi que o pessoal da minha turma (primeiro ano) estava bastante envolvido e muitos levaram a sério a dinâmica de forma que procuraram com afinco a solução para que todos sobrevivessem.

“Você roubou a minha vida. Você é mau!”

Foi o que uma colega me disse. Daí em diante, percebemos que era implausível sobreviver vendo o outro perecendo. A nossa sobrevivência somente seria válida se pudéssemos contar a muitos que sobrevivemos, ou seja, somente seria válida se os outros também sobrevivessem.

Na medida em que a dinâmica desenrolava-se, o grupo tornava-se cada vez mais unido, uma vez que tínhamos um objetivo em comum: a sobrevivência geral. E graças às discussões e o empenho de muitos, todos obtiveram “vida”.

Na discussão após a dinâmica evidenciou-se a relação dinâmica-trânsito. E foi-me agradável perceber, paulatinamente, essa relação e como tudo tinha lógica: a Mãe-Natureza, as regras, o tempo. A discussão é de imensurável relevância porque ajuda o participante a trazer para sua realidade o que estava implícito na dinâmica e os *insights* que se percebe (*Ah!*) parecem consolidar mais a mensagem que se procurava transmitir.

Quanto ao preenchimento do questionário dado após o debate, procurei ser bastante sincero. Respondi que, enquanto a dinâmica estivesse viva em minha memória, eu pensaria duas ou três vezes antes de infringir uma lei do trânsito de forma que se tornaria mais difícil cometer qualquer infração. Mas, no entanto, eu poderia esquecer tal dinâmica e voltar a fazer o que fazia antes. Não me havia dado conta do que dissera, mas depois percebi o quanto é importante lembrar as pessoas sobre seus equívocos (mostrando-lhes melhores alternativas de comportamento), para que possamos melhorar a vida em sociedade.

E isso é o que fica, somente melhoraremos a vida no trânsito se começarmos um trabalho de educação incipiente na vida da pessoa, ou seja, desde criança, para que ela tenha aprendido o comportamento correto solidamente e, também, se estivermos constantemente lembrando as pessoas de que o trânsito é um fenômeno público e coletivo e que a melhoria da qualidade de vida no mesmo depende delas: motoristas e transeuntes.

Na platéia: relato como aplicador

A “experiência inversa” de participar como aplicador da dinâmica do Metaphor foi de grande valia. A forma como a dinâmica foi se desenvolvendo demonstrou quase que fidedignamente o que os psicólogos teorizam sobre dinâmicas de grupos. Em um primeiro momento há o “caos”, em que nem todos (ou poucos) entendem o que é para ser realizado e a desordem impera indelevelmente – poucos sobrevivem, o que em parte é explicado pelo fato de que aqueles que conseguem uma “vida” acomodam-se e não se preocupam com a sobrevivência dos demais.

Em um segundo momento, há o surgimento de pequenos grupos comandados por pessoas que tendem à liderança, mas de uma forma “tímida” – ainda não chegaram ao âmago da dinâmica. Após algumas rodadas, os pequenos grupos se unem e surgem dois a três ‘líderes’ influentes e flexíveis (a regência apropriada para o verbo liderar, neste caso, seria liderar com, ao invés de liderar sobre), pois acatam a opinião dos demais integrantes do grupo. Através de discussões e sugestões os participantes chegam à conclusão de que, para todos sobreviverem, é preciso colaboração mútua e altruísta.

No debate, os participantes evidenciam que o que fica como lição da dinâmica é a dimensão da coletividade, a consciência de que não se está sozinho no trânsito e de que o “meu” bem-estar depende do bem-estar “do outro” e que a visão individualista do trânsito é totalmente errônea. Alguns revelam experiências trágicas que já presenciaram ou mesmo vivenciaram, o que denota que a visão de que alguns infortúnios acontecem com qualquer pessoa menos com o sujeito e seus próximos, é equivocada – e isso tem importância imensurável para o efeito da dinâmica.

As regras do jogo são questionadas veementemente no início da dinâmica, mas após certo tempo, em que se compreende o funcionamento do “jogo”, esse questionamento praticamente cessa, uma vez que a

prioridade é outra: fazer com que todos sobrevivam. As frases anotadas no quadro são motivo de riso e brincadeiras durante a dinâmica. No entanto, no momento em que o debate ocorre, estas mesmas frases, transferidas para o contexto do trânsito, em que os participantes imaginam-se em uma cena real, adquirem valor imensurável para auto-reflexão; ou seja, a partir das frases que alguns disseram no decorrer da dinâmica, os participantes avaliam como estão se comportando no trânsito. As frases, ao mesmo tempo em que são cômicas, são também questionadoras, intrigantes e polêmicas (em certa medida).

Para a maioria dos participantes, a quantidade de fichas parece estar errada. “Como vou ganhar uma vida se só tenho duas fichas, mas preciso de três?” Até que alguém vê o que se precisa de fato fazer. É como se dois participantes se chegassem à Mãe-Natureza e dissessem:

“Mãe-Natureza, eis-nos aqui! Meu amigo, Beta, tem apenas duas fichas e precisa de mais uma para sobreviver. Também eu tenho apenas duas fichas; no entanto, quero que este meu amigo se salve, por isso lhe dou esta ficha mesmo sabendo que a sua vida depende de minha morte.”

Beta recebe as fichas e as entrega à Mãe-Natureza e esta lhe diz:

“Caro Beta, Alfa demonstrou profundo amor ao dar do pouco que tinha em favor de ti. Diga-lhe que foi um gesto louvável, que toda mitologia regozijou-se e tudo, agora, conspirará a favor de sua inestimável amiga. Diga-lhe, também, que, porque foste benévola, ela está recebendo de volta a ficha que te deu. Quanto a ti, meu caro, sai à procura de um coração imaculado como o de Alfa que se possa doar em favor dela, assim como ela o fez em seu favor. E, se encontrares três pessoas tão benevolentes quanto Alfa, eu lhes darei uma ficha a mais, de forma que não mais precisarão doar parte de suas fichas para que outro tenha vida.”

Então Beta sai anunciando a mensagem da Mãe-Natureza e encontra não apenas três, mas “setenta vezes três” pessoas altruístas dispostas a se doar em favor do outro, de tal forma que a Vida é dada a todos e eles chegam à plenitude da dinâmica.

Esse pequeno diálogo metaforiza a relação de trocas das fichas durante a dinâmica e o *insight* que é preciso ter para que todos possam salvar-se. E mais, nada se perde ao se doar uma ficha, pois esta é devolvida! E a consequência disso é que no fim todos saem ganhando!

Com o fim do debate os participantes parecem estar bastante cientes de qual deve ser o seu papel no trânsito. No entanto, como eu mesmo assinali no questionário aplicado após a dinâmica quando atuei como participante, é mister fazer alerta contínuo. Parece ser característica de muitas pessoas a resistência a abandonar certos comportamentos canônicos mesmo estando esses comportamentos errados e/ou anacrônicos.

É preciso não deixar esquecer. É preciso fazer lembrar. De que forma faremos isso? Servindo-nos do mais importante veículo de informação, a mídia, em suas variadas manifestações, por meio de maciças e perenes propagandas de como melhorar a Vida no trânsito.

Projeto transformando o trânsito

Para tornar possível a compreensão do relato do aluno é preciso referenciar o Projeto Transformando o Trânsito registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura sob o número 316/02, cuja proposta e desenvolvimento fizeram nascer o Núcleo de Psicologia do Trânsito na UFPR em 2001 (Thielen & Sbardelini Filho, 2002). Esse projeto é fruto da preocupação com uma atividade cotidianamente relegada ao ostracismo nas discussões políticas, mas que está no coração da responsabilidade por mortes e mutilações de jovens numa escala gigantesca. No Brasil, em 2002, foram registradas 18.877 vítimas fatais e 318.313 vítimas não-fatais de acidentes de trânsito (DENATRAN, 2005) sendo que não estão incluídos dados de alguns Estados, configurando-se como um grave problema de saúde pública (Marin & Queiroz, 2000).

O projeto propõe encontros com turmas de alunos dos primeiros anos de graduação na UFPR (pretende atingir todos os calouros, de todos os cursos, todos os anos) com o objetivo de discutir o assunto trânsito, numa perspectiva de desvelar o confronto entre o comportamento individual e o comportamento coletivo (Rozestraten, 2003; Thielen, 2002; Thielen & Sbardelini Filho, 2002), entre espaço privado e espaço público (Da Matta, 1997, 2000; Hoffmann & Perfeito, 2003).

Não há legislação nem fiscalização capazes de resolver uma questão complexa que exige uma recontextualização do sentido público expresso no trânsito. É a nova geração de motoristas que precisa compreender que é o comportamento de cada um que pode gestar um novo comportamento coletivo e que é

a partir da transformação de seu próprio comportamento que se poderá conquistar um trânsito mais seguro. E é essa concepção de transformação possível que norteia a condução do Projeto Transformando o Trânsito.

A estruturação do trabalho centralizada em atividades grupais fortalece a articulação entre o privado e o público, entre o individual e o coletivo, já que a vivência grupal é capaz de desvelar a interação entre essas duas aparentes polaridades (Thielen & Sbardellini Filho, 2002).

Cada encontro (batizado de “Dirija sua Vida”, pelos primeiros integrantes e fundadores do NPT, em 2001) tem duração de 2 horas/aula e está estruturado em cinco momentos integrando a etapa de execução: 1) apresentação da equipe e contextualização da proposta, situando a mortalidade no trânsito como um problema de saúde pública e, acenando para o duplo papel dos jovens nesse cenário: como vítimas e como agentes de transformação; 2) aplicação do jogo METAPHOR, pela equipe de alunos integrantes do NPT; 3) organização das discussões em pequenos grupos; 4) apresentação e síntese das principais idéias debatidas; 5) registro de compromissos pessoais para transformação do trânsito.

A aplicação do jogo não pode consumir todo o tempo disponível, nem pode reduzir o tempo destinado à discussão, que é etapa mais rica. O jogo é apenas um instrumento para a reflexão, mas não substitui nem é a mais importante que as reflexões que se seguem; no entanto, é o estruturador e estimulador das reflexões.

Metaphor: o jogo

O jogo METAPHOR (Ferreira & Corte, 1978) foi introduzido no Brasil na década de 70, e divulgado pela equipe do extinto Programa Paranaense de Treinamento de Executivos (PPTE), vinculado à Secretaria de Estado do Planejamento. As situações que são criadas a partir desse jogo estão descritas em diversas vertentes dos estudos de grupos: desenvolvimento de grupos, conflito, formas de participação, liderança, cooperação, entre outros fenômenos despertados pelo momento vivido (Bales, 1950; Bennis & Shepard, 1956; Hersey & Blanchard, 1986; Lane, 1986; Lewin, 1970; Likert & Likert, 1980; Mailhiot, 1976; Moscovici, 1985).

O jogo acontece por rodadas, durante as quais os participantes devem se organizar para atingir o objetivo: sobrevivência de todos os jogadores. Fichas coloridas são utilizadas para jogar. Cada participante

deverá ter uma ficha branca ao final da rodada, pois ela representa a sobrevivência. Três cores são utilizadas para efetuar trocas: verde, amarela e vermelha. Os participantes são informados dos objetivos do jogo e das regras para obtenção da ficha sobrevivência: a) três fichas de cores diferentes podem ser trocadas com a Mãe-Natureza (ou Pai-Natureza) por uma ficha sobrevivência e mais uma ficha colorida; b) três fichas brancas (sobrevivência) podem ser trocadas por sete fichas coloridas.

A duração de cada rodada é definida em dois segundos por participante e sinalizada com um apito. Entre a primeira e a segunda rodadas a Mãe-Natureza delimita dois minutos para que o grupo se organize e estabeleça uma estratégia para atingir o objetivo. Cada participante ao início de cada rodada recebe duas fichas, da mesma cor. Igual número de cores deve ser distribuído: para 21 jogadores, 7 pares de fichas verdes, 7 pares de amarelas e 7 pares de vermelhas. Ao final de cada rodada se anota no quadro: número de sobreviventes, número de mortos, participantes com mais de uma sobrevivência, comentários dos participantes e se recolhem todas as fichas. A equipe do NPT não pode interferir nas ações do grupo durante o jogo, apenas assumir funções específicas e delimitadas: informar o objetivo e as duas regras, distribuir fichas, recolher todas as fichas ao final de cada rodada, efetuar as trocas das fichas como mãe ou pai-natureza, observar o grupo e fazer anotações que servirão de base para o Relatório do Encontro, registrar as verbalizações no quadro e em documento específico para o Relatório, controlar o tempo, fazer soar o apito delimitando início e fim de cada rodada, fazer a contagem do número de sobreviventes, mortos, integrantes com mais de uma ficha branca.

Três etapas organizam as atividades do Projeto: 1) o jogo e anotações dos comentários dos participantes; 2) discussão sobre trânsito a partir dos comentários e da vivência – quando se solicita o registro escrito de cada subgrupo e se anota as reflexões finais; 3) formalização de compromissos pessoais para a transformação do trânsito, que servirão de base para o Acompanhamento.

Comportamento individual e comportamento coletivo: articulação necessária entre subjetividade e sociedade

O objetivo individual dos participantes é desvelado nas ações durante as primeiras rodadas do jogo. Em

bora ele possa aparentemente estar refletindo o objetivo do jogo, de fato, o que se estabelece é uma legítima oposição, sobrevivência individual X sobrevivência coletiva. Se houver 40 participantes e 39 sobreviventes o objetivo do jogo não foi atingido, pois é preciso que todos sobrevivam. E isso só é possível quando os participantes compreendem que as ações individuais devem ser superadas em favor de ações coletivas. No relato do Manoel (intitulado “Metaphor: no palco e na platéia”) isso é apresentado como mais uma metáfora, a dos personagens Alfa e Beta: é preciso intercambiar as fichas, ou torná-las da coletividade, ou ceder parte de suas fichas (até a ficha sobrevivência) para que o objetivo seja atingido.

A dimensão da coletividade é a peça-chave e o *insight* imprescindível à realização da dinâmica. Portanto, a estrutura do jogo permite desvelar o sentido coletivo expresso no Trânsito. Em pesquisa realizada por Thielen (2002) identificou-se que o individualismo prepondera nas percepções de motoristas, tenham eles sido multados ou não, o trânsito se torna um fenômeno privado – “meu espaço, minha pressa, meu trajeto, meu carro, minha decisão de como devo dirigir, minha decisão sobre o que é permitido fazer nesse espaço, minha definição de excesso de velocidade, minha decisão onde deveriam me fiscalizar, quem deveria me fiscalizar, quando deveriam me fiscalizar e, principalmente, eu não preciso de fiscalização”. Estas constatações impõem um novo olhar sobre o papel da Psicologia do Trânsito (Günther, 2003), que não pode mais se restringir a identificar características indicativas de que o indivíduo tem certas “habilidades” para receber a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), nem tampouco pode trabalhar com uma educação centralizada apenas em conhecimentos ou habilidades. É preciso novas formas de enfrentamento de velhos e renitentes problemas. O foco privilegiado nas ações do Projeto Transformando o Trânsito, portanto, é articular o espaço público nas ações individuais.

É possível recriar durante o jogo situações nas quais emerge o mesmo conjunto de fatores presentes no cotidiano do trânsito como a disputa pelos espaços, o individualismo preponderante quando não há o respeito pelo outro, os conflitos pela conquista de objetivos individuais em confronto com o objetivo coletivo proposto ao grupo (Thielen & Ricardi Neto, 2004; Thielen e colaboradores, 2004).

O papel da psicologia deve ser desvelar e resgatar o sentido coletivo intrínseco às ações do ser no mun-

do. É resgatar o “outro”. É integrar a responsabilidade das ações individuais a partir de uma perspectiva coletiva. No trânsito não há possibilidade de escolhas individuais sem consequências coletivas, sempre as ações irão interferir no “outro”, pois, como ensina a física, “dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo”. E é o desconhecimento desse preceito básico que tem gerado tanto confronto, com prejuízos conhecidos (Marin & Queiroz, 2000). A existência desse “outro corpo” e seu direito a ocupar o espaço – que é público – tem sido o foco do trabalho do NPT, seja nas atividades de ensino, pesquisa ou extensão.

Espaço público e espaço privado: conflitos em metáfora

Durante o jogo as etapas de desenvolvimento de grupos são vivenciadas – aproximação; formação de subgrupos; união contra a “Mãe-Natureza”; organização; sentimento coletivo de união para atingir o objetivo conforme destacaram Ferreira e Corte (1978), e as verbalizações dos participantes vão indicando a construção de formas de pensar, sentir e agir coletivamente (Thielen & Ricardi Neto, 2004).

O movimento de transformação do sentido individual das ações para um sentido coletivo é propiciado pelo confronto entre as diversas situações vivenciadas no jogo: conflito; disputa por espaço; confronto com autoridade e regras; organização; planejamento; interação; cooperação; solidariedade (Thielen & Sbardelini Filho, 2002). A descoberta do “outro” como condição para sobrevivência de todos os participantes do jogo, e não de cada membro individualmente, é um momento privilegiado cuja metáfora é integrada nas discussões sobre trânsito.

O sentido coletivo é uma imposição estrutural no jogo, pois somente quando alguns participantes que já estão com fichas brancas (sobrevivência) se dispõem a cedê-las para efetuar a troca prevista pela segunda regra é que a sobrevivência coletiva se torna possível. Mas essa regra, aparentemente absurda e questionada durante as fases iniciais, permite a demonstração de que houve superação do individualismo: alguns participantes com a sobrevivência garantida (ficha branca), abrem mão desta “certeza” para que os demais também possam obter a ficha sobrevivência. Quando alguns compartilham e tornam “públicas” as fichas “privadas” se constata o movimento em direção à transformação almejada pelo Projeto. E esse

movimento não se restringe àqueles que cederam suas fichas, mas o grupo compartilha todas as trocas.

Metaphor: a metáfora do trânsito

A análise do jogo, ao longo desses anos de utilização junto ao Projeto Transformando o Trânsito, tem indicado sua importância como facilitador da discussão articulada entre o comportamento individual e a perspectiva coletiva intrínseca ao Trânsito. Algumas características podem ser destacadas em relação a essa metáfora.

1. *Recria a interação “subjetividade e sociedade”, a partir de uma situação concreta artificialmente estruturada.* Como o jogo impõe que sua resolução somente possa se dar a partir da interação entre os componentes do grupo, impedindo sua resolução enquanto soluções individuais preponderarem, cria-se a necessidade de que cada integrante do grupo analise aspectos subjetivos – suas expectativas, valores, sentimentos, motivações – articulando-os às necessidades coletivas, metaforizadas nas regras coletivas do jogo que simbolizam o cotidiano do Trânsito, aspecto fundamental da sociedade.

2. *Desvela as diversas facetas e contornos de que se reveste a relação entre espaço privado e espaço público.* O jogo permite que diversas situações vivenciadas possam ser registradas e analisadas pelos próprios participantes, focalizando a relação entre o público e o privado que se confrontam no Trânsito. Os jovens podem não apenas vivenciar mas, principalmente, refletir sobre a vivência, estabelecendo pontos de análise centralizados nas ações que são metáforas ou do espaço privado (“minha ficha”) ou do espaço público (“tenho que compartilhar minhas fichas para que todos possamos sobreviver”). É importante destacar que há o momento do jogo e o momento de reflexão, durante o qual os participantes reinterpretem a vivência à qual atribuem novos significados e o foco individual, privado, transforma-se em foco coletivo, público.

3. *Possibilita a reflexão do comportamento individual a partir de uma perspectiva coletiva.* Nas etapas iniciais do jogo, constata-se a fase inicial de qualquer grupo: dependência, desorganização, conflito, que caracterizam o individualismo desta situação desconhecida. Cada membro do grupo preocupa-se em conquistar “sua” ficha sobrevivência, esquecendo que o objetivo é que “todos sobrevivam”. Isso só pode ser desvelado na medida em que o jogo se desenvolve

e que os integrantes percebem os limites entre o espaço privado, cuja defesa impede o alcance do objetivo que se situa no espaço público – todos devem sobreviver. A estrutura do jogo permite essa compreensão da articulação entre esses espaços, pela constatação de que o Trânsito situa-se inexoravelmente num espaço público, cujas características devem ser incorporadas por todos os seus integrantes.

4. *Permite a discussão da questão trânsito, incorporando a vivência durante o jogo.* Em cada rodada, todas as verbalizações dos integrantes do grupo são anotadas. Essas frases são reapresentadas ao grupo para que sejam recontextualizadas para a situação do Trânsito. Devem ser analisadas sob uma nova perspectiva, articulando as situações vivenciadas durante o jogo com aquelas vivenciadas no cotidiano do Trânsito, porém incorporando o sentido coletivo (despertado artificialmente pelo próprio jogo) nas discussões. A figura da “Mãe-Natureza” é alvo privilegiado das análises nos grupos que discutem o papel da lei e de todas as formas de controle como instrumento para regular condutas individuais perante os interesses coletivos.

5. *Facilita a articulação de antagonismos entre vivência e reflexões elevando os níveis de comprometimento com um trânsito mais seguro.* Após a discussão e, principalmente, após o grupo compartilhar as reflexões – construindo no coletivo novas formas de perceber o fenômeno trânsito, ao verbalizar a importância do comportamento individual como propulsor de transformações coletivas – se propõe aos integrantes a tarefa de registrar compromissos pessoais capazes de concretizar as transformações vislumbradas. Os participantes preenchem uma ficha de “Compromisso Pessoal para a Transformação do Trânsito”, cuja análise tem indicado uma centralização de preocupação nas questões individuais em interação com o coletivo e também nas questões relativas às leis de trânsito. A preocupação com a lei tem desvelado contornos relacionados com um “grande acordo coletivo” para uma convivência harmônica.

Há um exemplo que reflete a importância da reflexão após a vivência durante o jogo: numa das rodadas finais, dos 30 participantes apenas 1 não sobreviveu e foi “vaiado” pelos demais. Após o jogo e durante a discussão, um dos participantes disse “quando o grupo vaiou aquele que não sobreviveu cometeu um equívoco porque foi o próprio grupo que não foi capaz de

fazê-lo sobreviver, portanto, a responsabilidade não era dele, individualmente, e sim do grupo”. Esse antagonismo entre a situação vivenciada (vair e, portanto, atribuir responsabilidade individual ao fracasso durante o jogo) e a reflexão posterior (o fracasso reflete a incompetência do grupo) indica a possibilidade de transformação almejada. Esse é um momento privilegiado de articulação entre subjetividade e sociedade, pois expressa a recontextualização da participação individual significando a compreensão do sentido coletivo expresso no Trânsito.

Metaphor: no palco e na platéia

A participação do aluno Manoel “no palco e na platéia” do Projeto Transformando o Trânsito atesta a sintonia do uso do Metaphor para fomentar as discussões sobre Trânsito. O relatório apresentado pelo aluno (em parte aqui reproduzido) elucida o movimento de transformação do sentido individual para um sentido coletivo quando articula subjetividade (sentimentos, motivações, valores) e sociedade (ao compartilhar o espaço público do trânsito).

O relato do aluno extrapola a simples identificação de etapas de desenvolvimento de grupos que permitem o movimento de transformação da perspectiva individual para a perspectiva coletiva e desvela inúmeras outras possibilidades de reflexão com base em sua experiência nos “dois lados” da situação, vivenciando o jogo como participante e depois, dirigindo as atividades, como integrante do NPT. O aluno criou novas metáforas que enriqueceram as atividades e deixou sua marca para os demais. Além disso, seu “Compromisso Pessoal para a Transformação do Trânsito” registrou a importância de se programar atividades que possam colocar em questão os compromissos assumidos pelos participantes bem como planejar novas formas de intervenção com os mesmos grupos, nos anos subsequentes. Essa é a nova tarefa do Projeto: identificar formas eficazes de acompanhamento dos compromissos e manter viva a chama da transformação.

Referências

- Bales, R. F. (1950). *Interaction process analysis: a method for the study of small groups*. Cambridge: Addison Wesley.
- Bennis, W. G. & Shepard, M. A. (1956). A theory of group development. *Human Relations*, 4, 415-437.
- Da Matta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Da Matta, R. (2000). *A casa & a rua* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- DENATRAN (2005). *Estatísticas de Acidentes de trânsito*. Disponível em www.denatran.gov.br/acidentes.htm. Acessado em 30 de outubro de 2005.
- Ferreira, M. S. & Corte, J. C. (1978). Metaphor: uma experiência com grupos. *Referência em Planejamento*, 3 (8).
- Günther, H. (2003). Ambiente, psicologia e trânsito: reflexões sobre uma integração necessária. In: Hoffmann, M. H., Cruz, R. M. & Alchieri, J. C. (Orgs.). *Comportamento humano no trânsito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hersey, P. & Blanchard, K. H. (1986). *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional*. São Paulo: EPU.
- Hoffmann, M. H. & Perfeito, J. (2003). Marketing social e circulação humana. In: Hoffmann, M. H., Cruz, R. M. & Alchieri, J. C. (Orgs.). *Comportamento humano no trânsito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lane, S. T. M. (1986). O processo grupal. In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Lewin, K. (1970). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- Likert, R. & Likert, J. (1980). *Administração de conflitos*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Mailhiot, G. B. (1976). *Dinâmica e gênese dos grupos*. São Paulo: Duas Cidades.
- Marín, L. & Queiroz, M. S. (2000). A atualidade dos acidentes de trânsito na era da velocidade: uma visão geral. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(1), 7-21.
- Moscovici, F. (1985). *Desenvolvimento Interpessoal*. Rio de Janeiro: LTC.
- Rozestraten, R. A. J. (2003). Ambiente, trânsito e psicologia. In: Hoffmann, M. H., Cruz, R. M. & Alchieri, J. C. (Orgs.). *Comportamento humano no trânsito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Thielen, I. P. (2002). *Percepções de motoristas sobre excesso de velocidade no trânsito de Curitiba, Paraná, Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Thielen, I. P. & Ricardi Neto, M. (2004). *O uso de metáforas: articulação subjetividade e sociedade*. In: Anais do X Encontro da ABRAPSO Regional Sul. Curitiba, PR.
- Thielen, I. P. & Sbardelini Filho, E. (2002). *Comportamento e Trânsito - Novos Trabalhos: Projeto Transformando*

o Trânsito - UFPR – PROEC - 316/02. In: *Conselho Regional de Psicologia da 8ª Região: Anais do II Encontro Paranaense de Psicologia do Trânsito*. Curitiba, PR: CRP/08.

Thielen, I. P., Sbardelini Filho, E., Baladón, C. M., Coelho, M. S., Lopes, R. B., Mazuroski Júnior, A., Ricardi Neto,

M. & Soares, D. P. (2004). *Projeto Transformando o Trânsito: articulação subjetividade e sociedade*. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Psicologia do Trânsito, Campo Grande, MS.

Universidade Federal do Paraná (2002). *Projeto Transformando o Trânsito*, Reg. PROEC nº 316/02.

*Recebido em setembro de 2005
Reformulado em outubro de 2005
Aprovado em novembro de 2005*

Sobre os autores:

Iara Picchioni Thielen é doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Núcleo de Psicologia do Trânsito da Universidade Federal do Paraná.

Manoel Ricardi Neto é aluno do curso de Administração da Universidade Federal do Paraná e ex-integrante da equipe do Núcleo de Psicologia do Trânsito da UFPR.

Diogo Picchioni Soares é aluno do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, bolsista do Núcleo de Psicologia do Trânsito da UFPR

Ricardo Carlos Hartmann é psicólogo formado pela Universidade Federal do Paraná e colaborador do Núcleo de Psicologia do Trânsito da UFPR.